

Trabalhos Científicos

Título: Nascidos Vivos Com Ambiguidade Genital No Brasil: Estudo Epidemiológico

Autores: ANDRÉ DE OLIVEIRA PAIVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS), ALÍCIA EDUARDA RIOS SOARES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS), ANA CAROLINE VALENTE DE LIMA MELO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS), ELIAB BATISTA BARROS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS), GABRIELA BARBOSA DE SÁ ROCHA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS), GUILHERME CARVALHO DE SOUZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS), LARISSA DA SILVA ALMEIDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS), MARIA EDUARDA RECH FERREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

Resumo: A ambiguidade genital (AG) consiste em atipia ou indiferenciação dos órgãos genitais, sendo identificada logo após o nascimento e dificultando a determinação do sexo do recém-nascido. Ocorre em cerca de 22/100.000 nascidos vivos no mundo e pertence ao grupo dos distúrbios da diferenciação sexual (DDS). Descrever o perfil epidemiológico dos nascidos vivos com AG no Brasil, durante o período de 2012 a 2021. Trata-se um estudo epidemiológico descritivo, baseado em dados coletados pelo Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) sobre os nascidos vivos, entre 2012 e 2021, com malformações congênicas (MC) relacionadas com AG, especificamente aquelas categorizadas dentro do grupo Q56 da Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Esse grupo inclui: hermafroditismo e pseudo-hermafroditismo masculino e feminino, não classificados em outras categorias, pseudo-hermafroditismo não especificado e sexo indeterminado não especificado. Os dados utilizados foram obtidos a partir do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Além da análise de dados, foi realizada uma busca bibliográfica nas plataformas PubMed e BVS, com o objetivo de complementar e contextualizar as informações coletadas. Durante o período de 2012 a 2021, foram registrados 28.789.402 nascidos vivos, dos quais 308.150 apresentavam MC. Entre os nascidos vivos com MC, 4.271 manifestaram AG, resultando em uma incidência de 15/100.000 do total de nascidos vivos. O maior número de casos de AG concentra-se na região Sudeste, totalizando 39,9%, enquanto a região Centro-Oeste registrou a menor incidência, com apenas 7,9%. A análise também revelou que a maioria dos casos de AG ocorreu entre indivíduos de raça/cor parda, com 55,3% dos registros. Em relação à duração da gestação, foi observado que a maioria dos casos de AG ocorreu em nascidos vivos pré-termo, com uma idade gestacional entre 22 e 36 semanas, representando 49,4% dos casos de AG, enquanto apenas 11,2% de todos os nascidos vivos durante o período analisado foram pré-termo. Já dos nascidos vivos com AG, 45,3% chegaram a termo, sendo que 83,7% de todos os nascidos vivos no período apresentavam essa mesma idade gestacional. Evidencia-se que o perfil epidemiológico de AG em nascidos vivos no Brasil apresenta uma incidência próxima à mundial. A maioria dos casos ocorre em recém-nascidos pré-termo e de raça/cor parda. Em síntese, os dados obtidos enfatizam a importância da capacitação de profissionais para lidar com pacientes que apresentam DDS e suas famílias. Crianças com DDS requerem acompanhamento em centros especializados com equipe multidisciplinar, responsável por realizar o diagnóstico definitivo e elaborar o plano de tratamento, que pode envolver intervenção cirúrgica e terapia hormonal. Vale ressaltar que não existe um consenso sobre a indicação de genitoplastia precoce, sendo responsabilidade da equipe orientar a família sobre as opções terapêuticas disponíveis e seu impacto psicológico na criança.